

Uma sinfonia desarmônica: a polifonia no romance cardosiano *Crônica da casa assassinada*

A disharmonious symphony: the polyphony in Cardoso's novel "Crônica da casa assassinada"

Amanda Gonçalves de Paula

Aluna do 3º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: amandagoncalvesdepaula@outlook.com

Fernanda Silva Ferreira Queiroz

Aluna do 3º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: feernandaferreira@hotmail.com

Fabiana Ferreira dos Santos

Professora do curso de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: fabianafs@unipam.edu.br

Resumo: Este trabalho analisou a polifonia no romance cardosiano *Crônica da casa assassinada*, publicado em 1959. Desse modo, buscou-se compreender como foi arquitetada a estrutura narrativa da obra, tendo em vista a complexidade da trama e dos personagens. O estudo também mensurou como o autor projetou de forma desordenada o enredo, construindo um quebra-cabeça fora da ordem cronológica, por meio de cartas, confissões, diários, narrativas, pós-escritos e livro de memórias. Sendo assim, foi possível observar a autonomia das múltiplas vozes que compõem o enredo e como Lúcio Cardoso trouxe ao público esse novo estilo literário, que envolve a falta de linearidade e a pluralidade de narradores.

Palavras-chave: *Crônica da casa assassinada*. Lúcio Cardoso. Polifonia. Romance.

Abstract: This paper examined the polyphony in the Cardosoian novel "*Crônica da Casa Assassinada*", published in 1959. Thereby, we sought to understand how the narrative structure of the work was constructed, considering the complexity of the plot and the characters. The study also measured how the author designed the plot in a disorderly way, building a puzzle out of a chronological order, through letters, confessions, journals, narratives, post-writings, and memoirs. Thus, it was possible to observe the autonomy of the multiple voices that compose the plot and how Lúcio Cardoso brought to the public this new literary style, which involves the lack of linearity and the plurality of narrators.

Keywords: "*Crônica da Casa Assassinada*". Lúcio Cardoso. Polyphony. Novel.

1 Considerações iniciais

Publicada pela primeira vez em 1959, a obra *Crônica da casa assassinada* retrata, de forma desordenada e fragmentada, a decadência e o declínio dos Meneses, uma aristocrata família mineira. A produção da obra é feita a partir da voz das personagens, por meio de diário, carta, confissão, depoimento e narrativas de memória. É sob a luz

dos manuscritos de cada protagonista que se pode perceber a progressiva ruína e falência que se instalou sobre a família. Em meio a um ambiente melancólico e sombrio, o romance salienta os princípios de união e desunião, encontro e desencontro. Em um primeiro instante, as narrativas se procuram, integrando-se umas às outras, e, num segundo momento, são adversas, pois, para que haja sentido, não há necessidade de outros relatos. A maneira como são dispostas as narrativas não permite a comunicação das personagens entre si, buscando, assim, a individualidade na percepção do mundo e dos acontecimentos no decorrer da história. Quanto mais se distanciam uns dos outros, mais se tornam misteriosos. Diante da despreensão de realismo é que se faz notar o emaranhado de dúvidas que a obra traz ao leitor. Não se pode afirmar que os episódios narrados se desenrolam como são descritos, pois cada indivíduo deixa impregnada sua visão, e estas por sua vez são negadas em narrativas posteriores, especialmente naquelas descritas por pessoas que não integram a família Meneses, cabendo ao leitor suspeitar de cada depoimento.

O presente artigo foi desenvolvido por meio de pesquisas biográficas e bibliográficas e teve como objetivo analisar a pluralidade de vozes presente na obra, ou seja, compreender como Lúcio Cardoso arquitetou de forma espiralada o enredo. Junto a esse processo, foi averiguada também a estruturação não linear do romance Cardosiano, que se mostra ao leitor de forma desconfigurada da linha cronológica, forçando o mesmo a montar um quebra-cabeça no decorrer da leitura. Com esse intuito, o referido artigo percorre o caminho da arte literária, contribuindo com estudos no campo da literatura brasileira.

2 Lúcio Cardoso: vida e obra de um artista

Proveniente de Curvelo - MG, filho de Joaquim Lúcio Cardoso e Maria Wenceslina Cardoso, Joaquim Lúcio Cardoso Filho nasceu em 14 de agosto de 1912, sendo o irmão caçula dos seis filhos do casal (Regina, Fausto, Maria Helena, Aduino, Maria de Lourdes e Lúcio). Seus dois irmãos Fausto e Aduino se formaram em Medicina e Direito, respectivamente, enquanto Lúcio era visto como indisciplinado. Em 1913, transferiu-se com a família para Belo Horizonte, onde passou a primeira infância e iniciou os estudos elementares no grupo escolar Barão de Rio Branco. Em março de 1923, a família mudou-se para o Rio de Janeiro e Lúcio foi matriculado no Instituto Lafayette. Posteriormente, retornou à capital mineira a fim de complementar os estudos.

Apesar de ter sido considerado aluno rebelde, Lúcio lia tudo que lhe caía às mãos: a obra de Eça de Queiroz, os romances de Conan Doyle, os contos de Hoffmann etc. Incentivado pela irmã Maria Helena Cardoso, desde muito jovem, Lúcio Cardoso já se interessava pela literatura russa, inglesa e francesa. Também se apaixonara por cinema. Em 1929, regressou ao Rio de Janeiro e deu início à sua vida literária. Nessa época, escreveu textos que permaneceriam inéditos: contos, poemas, romances e uma peça teatral *Reduto dos Deuses*, que é lida e elogiada pelo escritor Aníbal Machado. Além disso, fundou as publicações *A Bruxa*, com José Sans, e *Sua Revista*, com Santa Rosa. Em 1934, trabalhou em uma companhia de seguros, quando conheceu o poeta

Augusto Frederico Schmidt, que o lançou na literatura com o romance *Maleita*, livro saudado pelos melhores escritores e críticos da época.

A trajetória até o seu último e mais reconhecido romance, *Crônica da Casa Assassinada*, publicado em 1959, é marcada por uma produção diversificada, afinal, Lúcio dedicou-se à poesia, ao teatro, ao cinema, às traduções e aos diários – sem contar as artes plásticas, às quais se dedicou depois de um derrame cerebral em 1962, que o impossibilitou de escrever. Com paralisia parcial, Lúcio deixou de escrever e passou a se dedicar à pintura, realizando, inclusive, exposições importantes. Em 1966, recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras. Lúcio morreu aos 56 anos, vítima de um segundo derrame cerebral em 1968, deixando como herança para os amantes da arte um rico acervo de obras literárias, com um conteúdo poético inimaginável. Sem dúvida, a obra de Lúcio Cardoso, incluída no contexto da ficção regionalista, representa parcela importante da literatura contemporânea brasileira.

3 Os discordes de uma melodia cardosiana

Realizar uma síntese do romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, não é tarefa fácil, já que a obra é descrita de forma fragmentada e desordenada, a partir do ponto de vista de dez personagens acerca do mesmo assunto. De início, é narrado o que supostamente deveria ser o final do mistério, porém, o autor surpreende seu público no desenrolar da história. Apesar do título sugestivo, não se trata exatamente de uma crônica, gênero textual curto, que relata fatos do cotidiano. No caso do romance cardosiano em análise, seria mais adequado considerar que crônica detém-se ao significado do termo em latim, *chronos*, que tem por definição tempo, e refere-se ao tempo cronológico ou sequencial, que pode ser medido. Percebe-se perfeitamente essa cronologia, depois de lida e entendida a obra, entretanto, Lúcio Cardoso brinca com esse tempo, como que numa espécie de cubismo, despedaçando-o e reconectando-o para compor sua trama.

Em meio a essa narrativa espiralada, Lúcio Cardoso passa aos leitores a dúvida sobre os fatos que ocorreram naquele ambiente devastado pelo tempo, assim como segredos inimagináveis. Temas polêmicos são entregues ao leitor, como homossexualismo, relacionamento incestuoso e também uma perspectiva regionalista, da qual o autor não abre mão, afinal, é ele próprio que diz erguer um punhal contra Minas Gerais. Outros temas que afrontam as barreiras impostas pela sociedade, como traições e desejos sombrios, compõem a narrativa.

O enredo de *Crônica da casa assassinada*, em ordem cronológica, tem início quando Nina, vinda do Rio de Janeiro, recém-casada com Valdo, chega à chácara da família. Por várias vezes, a personagem havia adiado a viagem, o que, inclusive, provocou desconfiança e ciúmes no marido. Logo na primeira refeição com a família, fica sabendo da difícil situação financeira em que esta se encontra: Valdo a tinha enganado. Demétrio, por alguma razão, faz questão de revelar a verdadeira crise econômica que ali se instala. Em meio a um ríspido diálogo com Valdo, chega a dizer que seu irmão não tinha enviado o dinheiro que prometera a Nina para a viagem até a chácara porque não o possuía.

A vida monótona na chácara Meneses vai aos poucos desconsolando Nina, nada acostumada àquela vida pacata. Depois de muito insistir com Valdo, passa a morar com ele no pavilhão que ficava afastado da casa onde moram os demais e, nesse ambiente, tem uma temporada feliz. Entretanto, aproveitando-se dessa situação, Nina pôde começar um romance oculto com o jardineiro Alberto, até que, um dia, foi surpreendida por Demétrio em atitude suspeita, apesar de não ser de todo conclusiva. Demétrio não deixa de fazer um escândalo e Nina, mesmo esperando o primeiro filho, decide abandonar a chácara e voltar para o Rio.

Devido a esse acontecimento, Valdo fica bastante consternado e tenta suicídio. Nina, ao ver a reação do marido, como que movida de compaixão, desiste momentaneamente de partir. No entanto, esse sentimento dura pouco. Passado o primeiro momento, realiza sua viagem, tendo em vista revelações feitas por Timóteo e Betty, a empregada, que tinham escutado uma conversa entre Valdo e Demétrio, quando discutiam sobre mandar ou não Nina embora.

Estando já no Rio de Janeiro, chega a escrever a Valdo dizendo que somente pensou remotamente no jardineiro, depois de ter negado por várias vezes qualquer envolvimento com Alberto. Para Ana, a partida de Nina representa grande triunfo e alívio, pois não se continha em sua inveja e inferioridade e, por outro lado (como só ao final do livro se revela), tinha se apaixonado pelo jardineiro exatamente quando descobre o romance deste com Nina e faz tudo para ganhar a preferência dele, inclusive fica grávida. Ana sempre perseguia Nina em suas saídas e encontros disfarçados. O que encobriu suas faltas foi a saída de Nina, pois, aproveitando o conselho que o médico lhe dera de passear e respirar novos ares a fim de melhorar a saúde, obtém a permissão para viajar ao Rio de Janeiro para tentar convencer Nina a voltar, ou pelo menos trazer o filho de Valdo, que Nina esperava.

Em virtude desse fato, oculta a sua gravidez e pode dar a luz a seu filho no Rio de Janeiro, o qual leva para a chácara dizendo ser o filho de Nina. Quanto a Alberto, suicidou-se no dia em que soube da partida de Nina, depois de ser demitido por Demétrio. Pelo relato de Ana, supõe-se que Nina teria jogado o revólver (o mesmo usado por Valdo em sua tentativa de suicídio) pela janela propositadamente, o qual foi apanhado pelo jardineiro que espreitava pelo jardim uma conversa entre Nina e Valdo. Ana chega a ver Alberto ainda agonizante, mas já não pode fazer mais nada, uma vez que já suspeitava dessas consequências, mas apenas aguardou os acontecimentos.

Quinze anos depois, Nina abandona seu velho e fiel amigo, coronel Gonçalves, um amigo de seu pai, que a protegia e sustentava sem exigir nada em troca, e volta à chácara dos Meneses, alegando que voltara para o que é seu, principalmente para seu filho, André. Logo após sua chegada, Nina inicia um estranho e apaixonado romance com André, seu aparente filho. Ana, por sua vez, desconfia e descobre a situação seguindo-os, pois desejava se vingar de Nina devido à inveja que sentia, e ao mesmo tempo também sentiu uma forte atração por André, que em muito lembrava o jardineiro, mas que não correspondeu às suas vontades.

Nesse intervalo, tanto Ana quanto Valdo procuram o auxílio de padre Justino, que lhes aconselha, mas não obtém resultado satisfatório. Valdo começa a desconfiar, devido a certas atitudes do filho, da relação amorosa que existe entre André e Nina, que questionada reage enfurecidamente negando qualquer suspeita. Em conversa com

Valdo, Nina revela padecer de uma grave enfermidade e pede dinheiro para ir ao Rio em busca de tratamento. Apesar de Valdo não ter acreditado em suas palavras e não ter dito nada a ninguém, Nina parte no dia seguinte.

Durante os quinze dias que passa no Rio, Nina vai a uma consulta médica e descobre o estágio avançado de sua doença, restando-lhe pouco tempo de vida. No último dia de sua viagem, encontra-se com coronel Gonçalves, mentindo que havia voltado para ficar e faz com que ele lhe compre trajes novos e luxuosos, mas, em seguida, desaparece sem dar satisfações. Retorna à chácara e fica acamada até o dia de sua morte. No dia do velório de Nina, Timóteo aparece na sala, vestido com roupas e acessórios femininos, e coloca em prática seu plano, traçado desde o começo, e desmoraliza irrefutavelmente os Meneses. No mesmo dia, André foge da chácara, uma vez que, loucamente apaixonado por Nina, não via mais razões para permanecer naquele lugar.

O último capítulo do livro, um pós-escrito de padre Justino, traz a grande revelação: Ana havia se mudado para o pavilhão e, já moribunda, manda chamar padre Justino para lhe dizer toda a verdade que escondera durante anos. André era seu filho e de Alberto, e não de Nina e Valdo. E o que mais lhe corroía era desconfiar que Nina devia saber disto. Ana supunha isso pelo fato de que, quando foi ao Rio buscar Nina, só entrou em contato com ela depois de dar à luz a André, e Nina disse que deixara o filho de Valdo na maternidade e que não sabia mais nada sobre sua existência. Aproveitando dessa situação, Ana levou André para a chácara dizendo ser o filho de Nina. Em um segundo episódio, Ana tentou arrancar, de forma violenta, uma carta que Nina carregava. Além de não permitir que Ana pegasse a carta, Nina grita o nome Glael, que supostamente poderia ser o seu filho deixado no hospital.

Ana morre sem parecer demonstrar arrependimento, fecha os olhos antes mesmo de receber o perdão do padre, que nada mais podia fazer, apesar de compreender o estado daquela alma atormentada e a seriedade de seu pecado.

4 Um concerto para muitas vozes: a partitura polifônica de Lúcio Cardoso

Assinalada como principal característica de *Crônica da casa assassinada*, a polifonia divide opiniões críticas sobre o romance em dois grupos. Há os que leem catalogando múltiplas vozes para narrar várias versões sobre os acontecimentos na família Meneses, e os que julgam a obra com falhas na construção técnica literária de Lúcio, alegando que o autor não obteve êxito em sustentar a polifonia, deixando prevalecer o seu já conhecido narrador, onipresente e moralista, reunindo alguns deslizes de coerência e continuidade, em grande parte por não ter mantido a diferença entre as vozes.

O primeiro grupo, o qual interessa, de fato, a este artigo, pode ser representado por Mikhail Bakhtin, que foi o primeiro estudioso a elaborar conceitos de polifonia e heterogeneidade. Sendo filósofo e escritor, ele realizou análises sobre as obras de Fiódor Dostoiévski, cujas obras foram consideradas as mais inovadoras de todos os tempos. Sobre esse conceito polifônico, Bakhtin (2002, p. 73) afirma que

o romance, tomado como conjunto caracteriza-se como um fenômeno plurilinguístico, plurilíngue e plurifocal. O pesquisador depara-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam as vezes em planos linguísticos diferentes e que estão submetidas as leis estilísticas distintas.

Uma obra polifônica é aquela em que cada personagem atua com voz ativa, tornando-se um ser autônomo, com sua própria visão de mundo e com suas respectivas posições dentro deste. O autor desse romance não opina sobre a consciência dos personagens, e sim permite que eles mesmos se tornem autores de suas próprias histórias, sendo essas, às vezes, tão inconclusivas e infinitas, como é o caso de *Crônica da casa assassinada*. Para Bakhtin, o que marca o romance polifônico como um tipo singular de narrativa é a profusão de vozes e lucidez igualitária de cada personagem, as quais mantêm com as demais vozes da obra uma relação de absoluta proporção como participantes da grande orquestra, sem perderem sua identidade e sem que haja qualquer forma de hierarquia. Ainda segundo Bakhtin (1991, p. 16),

a essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento.

O que caracteriza o romance cardosiano como polifônico é, sem dúvida, a posição do autor em relação ao contexto histórico. Lúcio Cardoso se mantém distante dos fatos, deixando que seus personagens se manifestem com soberania e total liberdade, sendo esse autor ativo apenas como maestro dessa orquestra, à medida que cria e recria a organização dessa sinfonia. Carelli (1997, p. 638) revela de forma organizada a tese da polifonia em *Crônica da casa assassinada*, a qual já vinha sendo debatida desde 1959, ano de sua publicação. Em seu artigo, no qual apresenta a obra de Lúcio, esse pesquisador afirma que o romance é “propriamente polifônico, não só pela opção narrativa fragmentária, mas, sobretudo, pela complexidade de suas criaturas”.

Para exemplificar um dos casos de polifonia no enredo em análise, é possível citar um episódio em que Valdo Meneses tenta suicídio, usando um revólver comprado por Demétrio pouco antes do acontecido. Esse fato é narrado de acordo com três perspectivas, a de Ana, a de Nina e a do próprio Valdo. Cada um desses personagens menciona a cena de acordo com o ângulo e a ótica, correspondentes aos pontos geográficos em que cada um se encontrava no momento do incidente, levando em consideração que cada um destes estava movido por emoções diferentes, o que pode alterar a visão sobre os fatos.

Valdo Meneses, em uma de suas cartas, relata um diálogo que teve com Nina, pouco depois do episódio citado. É possível perceber pelo relato de Valdo que algo do lado de fora instigava a atenção de Nina, mas são apenas insinuações.

Lembro-me que você examinou a arma com cuidado e, repentinamente, como se do lado de fora alguma coisa lhe chamasse a atenção, precipitou-se para a janela, debruçando-se sobre a escuridão. Nada se distinguia lá fora senão a copa das árvores que o vento agitava. Indaguei o que havia acontecido e você, sem se voltar respondeu: _ Não sei, pareceu-me ter visto alguém ali. [...]. Calma, ainda rodou o revólver entre as mãos e, de súbito, como movida por inspiração você o atirou pela janela dizendo: _ Que desapareça, que apodreça no jardim essa arma infernal. (CARDOSO, 2004, p. 12)

Ana, por sua vez, relata a mesma cena, uma vez que esta se encontrava no jardim, olhando a janela do quarto, ao mesmo instante que Nina e Valdo dialogavam no interior da casa. Ana, em uma de suas confissões, insinua que Nina teria jogado a arma pela janela propositadamente, a fim de que Alberto cometesse suicídio, o que, por coincidência ou não, aconteceu posteriormente.

Em certo momento, como se levantasse um pouco mais a cabeça, vi um objeto de metal reluzir em suas mãos. Aproximou-se ela rapidamente do peitoril da janela e, com um gesto brusco, atirou fora o que trazia. O objeto descreveu uma curva no ar e tombou sobre um dos canteiros. Alberto executou um salto de felino, e começou a procurar entre a verdura. Mas de repente pareceu encontrar o que procurava, e que era o mesmo objeto que Nina atirara pela janela [...]. Quando passou junto à luz, quase defronte a mim, percebi que tinha um revólver nas mãos. (CARDOSO, 2004, p. 165)

A personagem Nina, em uma de suas cartas a Valdo, na qual nega qualquer envolvimento com Alberto e diz que pensava neste apenas como um filho, dá entender ao leitor que o atirar da arma pela janela foi apenas um ato impensado.

A verdade é que ele não me saía mais da memória. É terrível o que fazemos sofrer aos outros, e em todo o drama que se desenrolou depois, refiro-me ao meu estúpido gesto atirando o revólver no jardim, o destino dele foi de todos nós o mais tragicamente selado. (CARDOSO, 2004, p. 85)

Mesmo com todos esses relatos, não é possível ao leitor descobrir se Nina atirou a arma pela janela de propósito ou não, cabe ao leitor deduzir e tirar suas próprias conclusões, pois, movidos de tamanha emoção, não se sabe quem, de fato, está falando a verdade.

Crônica da casa assassinada apresenta dez narradores-personagens, antes de tudo, deslumbrados e obcecados por Nina. Nesse elenco, inclui-se também o narrador regente que, por sua vez, organiza os fragmentos do dossiê, tendo absoluta autonomia para colocá-los em total desordem, aumentando nitidamente a curiosidade do leitor, completando, assim, onze narradores intitulados por Alfredo Bosi (2003, p. 414) como “coral das testemunhas”.

Lúcio Cardoso usa de recursos estilísticos para compor o dossiê da obra em análise, recursos que surgiram com a contemporaneidade literária, os quais fogem dos textos tradicionais. Bakhtin (2002, p. 74) mostra em seus estudos que uma das características dessas obras é a “estilização de diversas formas de narrativa (escrita)

semiliterária tradicional (cartas, diários etc.)”, recurso que Lúcio soube usar com maestria.

O primeiro capítulo da obra em análise é a conclusão do diário de André, que supostamente deveria ser um volume inteiro, em ordem cronológica, porém está distribuído ao longo da obra, em dez partes, nomeadas *Diário de André*, sempre seguidas por algarismos romanos, de II a X, entre parênteses, para indicar a ordem, sendo que essa ordem não obedece à linearidade dos fatos ocorridos, nem à cronologia da escrita, como se poderia esperar nesse tipo de leitura. Vale ressaltar que existe uma forte indicação que a conclusão do diário pertença à parte X, uma vez que não existe diário I, e levando em consideração que a história contada por André é sobre seu último encontro com Nina.

A sequência numérica dos capítulos é linear do 1 ao 56, mas a ocorrência dos fatos não está na ordem dos acontecimentos. Sendo que os dez primeiros capítulos causam um efeito desconcertante devido a sua desorganização e falta de linearidade. Estes contam sobre a primeira estadia de Nina na casa dos Meneses entre outros acontecimentos. Do décimo primeiro capítulo em diante prevalece o tempo linear, contendo lembranças em forma de flashbacks para retomar fatos importantes do passado, estes dão sequência à segunda estadia de Nina na chácara até o dia de sua morte.

A divisão polifônica das narrativas segue da seguinte maneira: primeiro André (diários) é o que mais escreve, dando voz aos capítulos 1, 17, 20, 21, 25, 26, 36, 38, 41, 43 e 48. Seguido de Ana (confissões), que é autora dos capítulos 8, 14, 15, 27, 29, 31, 33, 40, 45 e 47. O terceiro mais vigente é Valdo (cartas e depoimentos), narrador dos capítulos 10, 22, 37, 44, 46, 49, 51, 53 e 55. Betty (diários) é a quarta mais prolixa, dando voz aos capítulos 4, 9, 12, 23 e 34. Padre Justino (narrativas e pós-escritos) ocupa a quinta posição com os capítulos 16, 28, 30, 32 e 56. O farmacêutico (narrativas) relata os capítulos 3, 7, 11 e 50. O médico (narrativas) está em sétimo lugar, seus capítulos são 5, 13, 24 e 42. Os menos extensos são Timóteo (livro de memórias), com os capítulos 52 e 54, e o Coronel Gonçalves, com um capítulo de dez páginas. Não menos importante, Nina (cartas), narradora dos capítulos 2, 6, 18, 19 e 35, o mesmo número que Betty e o Padre, porém, escreve menos páginas.

Além disso, existe também a voz do “dito pelo não dito” dos personagens Demétrio e Alberto, que em nenhum momento se pronunciam no romance, mas são apresentados e vivificados a partir da voz de outros personagens. Todos esses capítulos estão distribuídos desordenadamente ao longo de *Crônica da casa assassinada* e fazem com o leitor perceba uma mesma história contada de vários ângulos, sobre a perspectiva de cada narrador. Assim é dada a polifonia no romance cardosiano, dado que todas as personagens citadas, com seus respectivos capítulos, relatam seus pontos de vista sobre o mesmo assunto, o qual é abordado na obra de Lúcio. Portanto, “o plurilinguismo, desta forma, penetra no romance, por assim dizer, em pessoa, e se materializa nele nas figuras das pessoas que falam, ou então servindo como um fundo de diálogo determina a ressonância especial do discurso direto do romance” (BAKHTIN, 2002, p. 134).

Vale ressaltar a importância de Nina na organização do enredo, pois é a partir dela que é feita a composição cronológica dos capítulos, uma vez que a personagem é o

elemento principal que norteia o tempo do romance por meio de sua movimentação. Os fatos acontecem antes, durante e depois de sua presença na chácara dos Meneses. É Nina quem comanda a ordem das narrativas, os narradores-personagens e também os leitores. Sendo assim, seguindo-se o ir e vir de Nina, é possível alcançar uma marcação temporal coerente. Sem essa personagem não existiria na obra nem passado, nem presente. Com ela, o tempo é estabelecido. O fato é que Nina desnor-teia a todos, inclusive o tempo do enredo. Além de ter sido a inspiração de belas palavras poéticas dentro da obra:

nota à margem do manuscrito: ainda hoje, passado tanto tempo, não creio que tenha acontecido outra coisa que me impressionasse mais do que esse primeiro encontro. Não havia apenas graça, sutileza, generosidade em sua aparição: havia majestade. Não havia apenas beleza, mas toda uma atmosfera concentrada e violenta de sedução. Ela surgia como se não permitisse a existência do mundo senão sob a aura de seu fascínio. Não era uma força de encanto, mas de magia. (CARDOSO, 2004, p. 60)

5 Considerações finais

É sabido que *Crônica da casa assassinada* é a obra prima de Lúcio Cardoso e que, desde a sua publicação em 1959, o romance causou furor e debates calorosos, tanto pela questão polifônica, quanto pela pretensa relação incestuosa entre Nina e André. Mesmo que revelado ao final da trama, no pós-escrito de Padre Justino, a inexistência desse fato, o que não comprova a intenção do autor de transgredir e quebrar valores morais.

O fato é que Lúcio Cardoso deu vida a dez personagens, que têm voz ativa dentro da história e narram seus próprios pontos de vista sobre os acontecimentos, comprovando, assim, que a polifonia se faz presente em sua obra. Conforme Todorov (1979, p. 82), “o romance é um ser vivo, uno e contínuo, como qualquer outro organismo, e notar-se-á, creio eu, que ele vive precisamente à medida que em cada uma de suas partes aparece qualquer coisa de todas as outras”.

O autor também projetou de forma orquestrada cada parágrafo que compõe o enredo, com seus trechos desordenados de diários, confissões, narrativas, depoimentos, passagens de cartas e livro de memórias e também flashbacks, sendo que essa orquestra desarmônica não significa de maneira alguma desafinação, e sim uma divergência de vozes que se confrontam e exercem, dessa maneira, um papel fundamental para a compreensão do desfecho da obra, a qual Lúcio regeu de forma esplendorosa a cada nota entoada.

No romance, inexistente uma verdade absoluta e permanente, pelo contrário, o questionamento e a dúvida insistem e se mantêm a cada detalhe descrito. O narrador fortalece a intenção em organizar esses fragmentos epistolares ordenados, de modo que precisam ser interpretados e estruturados de maneira cronológica na imaginação do leitor, o que faz a leitura ser intrigante e prazerosa a cada capítulo desvendado.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Annablume, 2002. 196 p.

_____. *Problemas na poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 1991. 292 p.

_____. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 2002. 439 p.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 528 p.

CARELLI, Mario. *Crônica da casa assassinada: a consumação romanesca*. Espanha: Scipione, 1997. 820 p. Edição Crítica.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 518 p.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 206 p.